

O TEXTO “QUÍMICA ORGÂNICA” DE VINICIUS DE MORAES E A OBJETIFICAÇÃO DAS MULHERES

Marina Azevêdo Vilhena ¹
Jeane Cristina Gomes Rotta ²

RESUMO

O Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília seleciona obras de referência que complementam os conteúdos curriculares e possibilitam a interdisciplinaridade. No subprograma 2016–2018, o texto do poeta, diplomata e compositor brasileiro Vinicius de Moraes, “Química Orgânica”, foi uma das obras escolhidas. À primeira vista, aos olhos de um químico, imagina-se que o autor abordará compostos formados por átomos de carbono. No entanto, o que observa-se é a apropriação de conceitos científicos para a objetificação de mulheres. Segundo Vinicius de Moraes, entre as diversas categorias antagônicas de mulheres existentes (relacionadas às características físicas como altas e baixas; bonitas e feias; gordas e magras; caseiras e rueiras) há uma classificação considerada mais relevante: a de mulheres “ácidas ou básicas”. A diferença entre essas categorias reforça a ideia de que seu valor das mulheres está associado à proximidade com padrões estéticos impostos pela sociedade patriarcal. Portanto, o objetivo desse trabalho foi relatar a proposta interdisciplinar de utilização desse texto em aulas de Química no Ensino Médio para abordar as relações de gênero, com foco em conceitos como a objetificação. Essa atividade composta por três momentos iniciou-se com uma aula-debate sobre a redução de um indivíduo à condição de objeto, desconsiderando seus aspectos emocionais e psicológicos, aspecto que banaliza a imagem das mulheres, colocando sua aparência acima de todos os demais atributos que as definem enquanto pessoas. Em um segundo momento da atividade, algumas propagandas antigas e atuais foram apresentadas aos estudantes, nas quais as mulheres apareciam de forma objetificada e hipersexualizada. Em seguida, todos foram convidados a sugerir formas de reformular essas campanhas publicitárias sem recorrer à subjugação dos corpos femininos. Como resultado, foram desenvolvidas várias campanhas criativas e divertidas, evidenciando que a sala de aula pode ser um espaço para a desconstrução de preconceitos e ideias retrógradas.

Palavras-chave: Ensino de ciências, Interdisciplinaridade, relações de gênero.

INTRODUÇÃO

O processo histórico de objetificação do corpo feminino revela-se atravessado relações de poder, nas quais os direitos das mulheres são frequentemente negados. Nesse contexto, a imposição de padrões homogêneos de controle social contribui para a normatização das condutas e para a produção de corpos dóceis e disciplinados. Refletir sobre o corpo da mulher

¹ Doutoranda do Curso de Química Analítica da Universidade de Brasília - UnB, ninavilhena@gmail.com;

² Doutora pelo Curso de Química da Universidade de São Paulo -USP, jeanerotta@gmail.com;



na sociedade implica em compreender como ele foi construído historicamente, considerando, entre outros fatores, a influência da mídia e seus efeitos na consolidação de olhares padronizadores (Lerner, 2019).

Os padrões de corpo ideal e de beleza considerada “saúdável” são frequentemente — de forma sutil ou, por vezes, explícita — embutidos na publicidade, que representa o feminino de maneira cada vez mais fetichizada e objetificada. Esse fato evidencia que as mulheres ainda sofrem a pressão da dominação masculina e da idealização de ser e agir sob o olhar do outro.

Conviver em uma cultura na qual o corpo feminino é objetificado sexualmente, pode impactar a saúde mental. Nesse sentido, a principal consequência desse processo consiste na internalização de uma perspectiva de terceira pessoa sobre o próprio corpo. Ou seja, meninas e mulheres são levadas a verem-se e tratarem-se como objetos a serem olhados e avaliados, adotando a visão de um observador externo, uma forma de auto-objetificação (Bercht, 2017). No contexto do patriarcado, as mulheres foram representadas na poesia a partir de escritos de autoria de homens e que reiteravam a sua supremacia, relegando-as a uma posição secundária. Nessa lógica, elas foram subjugadas, objetificadas e reduzidas à condição de ornamento, frequentemente comparadas a bibelôs que deveriam obedecer de forma inquestionável às normas e padrões impostos pelos homens (Botoso; Rodrigues, 2017). Assim, essa construção simbólica contribuiu para a perpetuação da rigidez e dos abusos inerentes ao sistema patriarcal.

Com base nesses apontamentos, o *corpus* de análise dessa pesquisa foi o poema “Química Orgânica” do poeta, diplomata e compositor brasileiro Vinicius de Moraes, devido a sua indicação como uma obra de referência no Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB), no subprograma 2016–2018.

Entre os mecanismos de ingresso nas universidades públicas brasileiras, o PAS é processo de seleção para o ingresso na UnB que ocorre em três etapas e constitui-se como uma alternativa ao tradicional exame vestibular. O PAS criado pela instituição em 1995, tem como objetivo integrar a educação básica ao ensino superior, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino e para uma avaliação mais contínua do desempenho estudantil. O programa possui uma “Matriz de Referência” que dispõe as competências e habilidades que são avaliadas, “[...] a partir das quais, articuladas de modo interdisciplinar e contextualizado aos conteúdos escolares, são produzidos os Objetos de Conhecimento.” (Cebbraspe, 2019, p. 9).





parte do conteúdo da primeira série do ensino médio, conforme o Currículo em Movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Com o sucesso da atividade e a insistência dos demais colegas

da escola e dos alunos, a aula também foi ministrada nas duas turmas do segundo ano e nas duas turmas do terceiro ano do ensino médio.

A abordagem interdisciplinar utilizada nessa pesquisa é coerente a proposta por Bonatto et al. (2012), na qual ressaltam que práticas interdisciplinares podem ser incorporadas a metodologias cotidianas docentes, sem necessidades de elaboração de projetos científicos específicos para o seu desenvolvimento no ambiente escolar. Nesse contexto, compreendemos o caráter polissêmico da interdisciplinaridade e destacamos que há “duas concepções emergentes de propostas interdisciplinares, interações que podem ser feitas pelo sujeito, ou entre os sujeitos na busca de uma maior compreensão da realidade” (p.159)

REFERENCIAL TÓERICO

A Desde os tempos pré-históricos, os seres humanos modificam deliberadamente seus corpos para marcar pertencimento a um grupo, tribo ou religião, indicar ritos de passagem ou sinalizar status social — prática que se revela uma característica intrínseca do comportamento humano (Guimarães; Scherrer; Souza, 2024).

No século XXI, contudo, vivemos a banalização e a facilidade dos procedimentos estéticos, que transformam corpos e, muitas vezes, fazem com que se perca a identidade de quem os realiza. Preenchimentos, botox, cirurgias plásticas e próteses de silicone estão hoje ao alcance de grande parte da população e se tornaram objeto de estudo ao redor do mundo, além de tema recorrente no cinema, como exemplifica o filme indicado ao Oscar de 2025, “A Substância”, estrelado por Demi Moore.

A justificativa dessas transformações se ancora na busca pelo corpo perfeito, um padrão estético deturpado pelo uso das redes sociais e pelos populares filtros digitais — ferramentas que alteram ou adicionam elementos visuais a fotos e vídeos. Cada momento histórico define seu próprio ideal de beleza e, muitas vezes, a busca por esse padrão inatingível acaba por escravizar e dominar o imaginário de inúmeras mulheres (Barbosa, Morais, 2020).



A mulher moderna ainda se encontra submetida ao olhar do “outro”, que orienta grande parte de seus comportamentos e anseios. Embora os homens também se enquadrem nesse cenário, as mulheres continuam mais suscetíveis às tiranias sociais da beleza. A possibilidade de alterar o próprio corpo — muitas vezes motivada pela eterna insatisfação com a aparência

— evidencia uma das principais fronteiras entre o homem biológico e o homem cultural (Katz, 2008).

As representações que os sujeitos constroem de si mesmos expressam, em forma de códigos, modos de aparecer e de serem vistos. Nesse contexto, a moda atua como um mecanismo que, por meio de roupas e acessórios, rearranja o corpo e lhe atribui um conteúdo cultural. A mulher, historicamente, foi dominada pela lógica da moda, que impõe a obrigação de ser e permanecer atraente, exigindo dela uma atitude etérea, graciosa e excitante — atributos que a reduzem, muitas vezes, à condição de objeto sexual (Fredrickson, Roberts, 1997).

No início dos anos 1970, foi cunhado o termo “objetificação”, conceito que se refere ao ato de avaliar o indivíduo como um objeto, desconsiderando suas dimensões emocionais e psicológicas. A objetificação da mulher na mídia manifesta-se, com frequência, em propagandas que enfatizam atributos físicos e sexuais, sem qualquer apelo a outros aspectos de sua personalidade, valores ou emoções (Fredrickson, Roberts, 1997).

Como citado anteriormente, os corpos refletem os momentos sociais, absorvendo a cultura em que estão inseridos e, ao mesmo tempo, sendo capazes de expressá-la. Dessa forma, eles podem assumir papéis específicos de acordo com a época em que existem. No âmbito da análise publicitária, observa-se uma clara diferenciação entre o masculino e o feminino, que reflete uma hierarquização de gênero presente muito antes do surgimento da publicidade (Guimarães; Scherrer; Souza, 2024).

Os meios de comunicação de massa transmitem mensagens que se transformam em mensagens culturais, capazes de influenciar costumes e comportamentos, incluindo aqueles ligados ao uso de determinadas modas, sejam elas específicas ou não. Quando comparadas a textos, imagens e vídeos ganham destaque na publicidade, pois não apenas promovem produtos, mas também transmitem modelos de comportamento a serem imitados e desejados (Tasca, 2022).



A publicidade tem como objetivo persuadir o consumidor a adquirir determinado produto, utilizando-se de diversos recursos para alcançar esse fim. Um desses recursos é o corpo da mulher, frequentemente objetificado e transformado em objeto de desejo alheio (Santos, Neves, Reis, 2020).

Segundo Lipovetsky (2020), a sedução estimula o capitalismo. Ela não se restringe a uma relação entre duas pessoas, mas funciona como instrumento do marketing moderno em prol do consumo capitalista. Para que o consumo em massa seja contínuo, o capitalismo utiliza-

se do estímulo dos desejos e da sedução em todas as esferas de produtos e serviços disponíveis ao consumidor. O autor observa que, na sociedade atual, a sedução ocorre de forma inédita: deixou de ser um jogo velado para tornar-se uma sedução explícita, na qual campanhas publicitárias se valem da sensualização e sexualização para influenciar o comportamento do consumidor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse texto está presente no livro *Para Viver um Grande Amor*, escrito por Vinicius de Moraes em 1962. A obra reúne cartas, poemas e crônicas. Os anos 1960 foram marcados por diversos movimentos sociais — entre eles, o feminismo, o movimento negro e a luta por direitos civis —, mas também por forte repressão, marcado pela ditadura militar iniciada em 1964.

QUÍMICA ORGÂNICA

Há mulheres altas e mulheres baixas; mulheres bonitas e mulheres feias; mulheres gordas e mulheres magras; mulheres caseiras e mulheres ruelas; mulheres fecundas e mulheres estéreis; mulheres primíparas e mulheres múltíparas; mulheres extrovertidas e mulheres inconsúteis; mulheres homófagas e mulheres inapetentes; mulheres suaves e mulheres wagnerianas; mulheres simples e mulheres fatais — mulheres de toda sorte e toda sorte de mulheres no nosso mundo de homens. Mas, do que pouca gente sabe é que há duas categorias antagônicas de mulheres cujo conhecimento é da maior utilidade, de vez que pode ser determinante na relação desses dois sexos que eu, num dia feliz, chamei de “inimigos inseparáveis”. São as mulheres “ácidas” e as mulheres “básicas”, qualificação esta tirada à designação coletiva de compostos químicos que, no primeiro caso, são hidrogenados, de sabor azedo; e no segundo, resultam da união dos óxidos com a água e devolvem à tintura do tornassol, previamente avermelhada pelos ácidos, sua primitiva cor azul.

Darei exemplos para evitar que os íncios e levianos, ao se deixarem levar pela mania de classificar, que às vezes resulta de uma teoria paracientífica, cometam injustiças irreparáveis. Pois a verdade é que mulheres que podem parecer em



princípio “ácidas”, como as louras (conf. com a expressão corrente: “branca azeda” etc.), podem apresentar tipos da maior basicidade. Não é possível haver mulher mais “básica” que Marilyn Monroe,* por exemplo; enquanto que Grace Kelly, que muita gente pode tomar por “básica”, é a mulher mais cítrica dos dias que correm. Podia-se fazer com Grace Kelly a maior limonada de todos os tempos, e nem todo o açúcar de Cuba seria capaz de adoçá-la.

De um modo geral, a mulher “ácida” é sempre bela, surpreendente mesmo de beleza. É como se a Natureza, em sua eterna sabedoria, procurasse corrigir essa hidrogenação excessiva com predicados que a façam perdoar, se não esquecer pelos homens. Porque uma coisa eu vos digo: é preciso muito conhecimento de química orgânica para poder distinguir uma “básica” ou uma “ácida” pela cara. A mulher “ácida” tem uma consciência intuitiva da sua química, e não é incomum vê-la querer passar por “básica” graças ao uso de maquiagem apropriada e outros disfarces próprios à categoria inimiga.

Como um homem prevenido vale por dois, dou aqui, por alto, noções geográficas e fisiológicas dos dois tipos, de modo que não chupe tamarindo aquele que gosta de

manga, e vice-versa. À *vol d’oiseau* se pode dizer que as regiões escandinavas, certas regiões balcânicas e a América do Norte são infestadas de mulheres “ácidas”, no caso da América, sobretudo o Sul e Middle West, onde há predominância do tipo *one hundred per cent American*. Ingrid Bergman é uma “ácida escandinava” típica e é preciso ir procurar uma Greta Garbo para achar a famosa exceção comum a toda regra. As Ilhas Britânicas em si não são “ácidas”; mas há que ter cuidado com certas regiões da Escócia e da Irlanda, onde o limão come solto. Na França, com exceção de Paris e Île-de-France, e naturalmente da Côte d’Azur, reina uma certa acidez, sobretudo na Bretanha, Alsácia e Normandia. A Itália é “básica”, tirante, talvez, o Vêneto e a Sicília. Os Países Baixos são o que há de mais “ácido”, Flandres ainda mais que a região flamenga. A Alemanha é à base do araque. Há, aí, que ir mais pelo padrão psicofisiológico que pelo geográfico.

Desconfie-se, em princípio, de mulheres com muita sarda ou *tache de rousseur*. Há exceções, é claro; mas vejam só Bette Davis,** que é de dar dor na dentina. É bom também andar um pouco precavido com mulheres, louras ou morenas, levemente dentuças. Acidez quase certa.

Felizmente, a grande maioria é constituída de “básicas”, para bem de todos e felicidade geral da nação. Sobretudo no Brasil, felizmente liberto, desde alguns meses, da sua “ácida número um” — aliás de outras plagas, diga-se, o peito inchado do mais justo orgulho nacional. (Moraes, Vinicius)

A aula foi estruturada da seguinte forma: inicialmente, a professora realizou a leitura do poema e fez uma breve recapitulação sobre funções inorgânicas, apresentando e resolvendo algumas questões do PAS e do ENEM relacionadas ao tema. Embora o texto utilizado se intitulasse “Química Orgânica”, seu conteúdo permitiu estabelecer relações com conceitos de funções inorgânicas, abordados na primeira série do ensino médio, conforme o Currículo em Movimento.

Na sequência, foram introduzidos os conceitos de objetificação, sexualização e estereótipos de gênero, além do escalonamento das violências de gênero, que vai desde as piadas e estereótipos até o assédio, as ameaças, o abuso verbal, a violência sexual e, em casos extremos, o feminicídio. Posteriormente, a professora exibiu propagandas com teor de objetificação, o que gerou intenso debate entre os alunos. Algumas alunas, que se sentiram à



vontade, compartilharam vivências pessoais de violência, o que ampliou a compreensão e a empatia de toda a turma.

O texto trabalhado refletia o pensamento da época — ainda presente na atualidade — de que as mulheres são passíveis de classificação e julgamento, sobretudo sob o olhar do outro. Ao analisarem as propagandas, observou-se o incômodo das meninas, alunas do ensino médio entre 14 e 18 anos, que já reconhecem a pressão estética e social imposta às mulheres. Os meninos, por sua vez, num primeiro momento, demonstraram indiferença diante da problemática, o que pode ser explicado pela falta de empatia socialmente ensinada, expressa na ideia de que “se não é comigo, não é problema meu”.

Entretanto, após os relatos das colegas sobre situações reais de violência — como serem seguidas por homens mais velhos na rua, tocadas sem consentimento por conhecidos ou desconhecidos, ou expostas a atos obscenos em locais públicos —, muitos reconheceram que não vivenciaram experiências semelhantes e chegaram ao consenso de que o machismo é prejudicial a todos e se sustenta em uma pirâmide de opressões.

Os alunos compreenderam que papéis de gênero rígidos frequentemente dão origem a piadas e objetificações, que se transformam em estereótipos e, em situações extremas, podem culminar em violência e feminicídio. Munidos da teoria e da empatia despertada pelos relatos, os estudantes se dedicaram à recriação das propagandas. O resultado foram peças publicitárias criativas, leves e bem-humoradas, livres de objetificação e estereótipos — e, certamente, mais alinhadas aos valores de uma sociedade justa e igualitária.

Um exemplo foi a releitura de uma propaganda de desodorante originalmente apresentada pela professora, na qual um homem atraía mulheres após aplicar o produto. O grupo responsável reconstruiu a narrativa, substituindo o apelo sexual por situações cotidianas em que o uso do desodorante transmite confiança e bem-estar. A nova versão trazia frases como: “Você vai ser o único a não segurar a alça no ônibus?”, “Não vai levantar os braços no show do seu artista favorito?”, “Não vai dar aquele abraço na gata?” — concluindo com o slogan: “Use o desodorante.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a perspectiva da professora, a aula superou as expectativas, pois foi possível abordar temas sensíveis de forma interdisciplinar, promovendo um debate que levou os alunos



a uma reflexão crítica e à autoconsciência, evidenciada pela qualidade e efetividade das tarefas produzidas.

Como em todo processo educativo, houve diferentes níveis de receptividade: alguns alunos mostraram-se mais resistentes, possivelmente devido a valores familiares ou religiosos mais conservadores. Ainda assim, todos se engajaram na produção das peças publicitárias, demonstrando envolvimento e compreensão dos conceitos discutidos.

A professora considera que essa é uma aula que certamente reproduziria, talvez incorporando um texto introdutório para leitura prévia ou adaptando a proposta às novas linguagens midiáticas. Nesse sentido, a atividade poderia assumir o formato de uma “publi”

criada para redes sociais como o TikTok, aproximando-se das formas de comunicação mais utilizadas pelas novas gerações.

A sala de aula é um ambiente profundamente diverso, composto por alunos de diferentes origens, valores e perspectivas, refletindo a pluralidade da própria sociedade. Trata-se de um espaço de debate e troca de ideias, onde ocorrem aprendizados mútuos entre professores e estudantes.

Infelizmente, o Brasil ainda é marcado por altos índices de violência contra as mulheres, expressão persistente da violência de gênero. Se o objetivo é construir uma sociedade mais justa e igualitária — na qual todas as pessoas se sintam seguras e respeitadas —, é essencial abrir espaço para o diálogo sobre gênero e direitos humanos no contexto escolar.

A aula em questão, ao promover o debate sobre a objetificação e sexualização das mulheres nas propagandas publicitárias, despertou nas alunas sentimentos de indignação e consciência crítica, e nos alunos, empatia e reflexão. Esse resultado é especialmente significativo diante do avanço de movimentos misóginos, como os grupos denominados “red pill”, que têm ganhado força no Brasil e em outras partes do mundo.

Por isso, a sala de aula não pode ser um espaço de tabus. É justamente nela que temas sociais urgentes devem ser discutidos com responsabilidade, sensibilidade e respeito, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a igualdade.

REFERÊNCIAS



ALMEIDA, Edson Araujo de. 2018. f. 67. Poemas como recurso didático para o ensino de química. Monografia (Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, Umuarama, 2018.

BARBOSA, Ana Beatriz Fagundes; MORAIS, Joana D’Arc de Souza. Corpo e moda pela perspectiva do contemporâneo. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 16, p. 247–257, 2020.

BERCHT, Ana Maria. **Teoria da objetificação**: aplicabilidades no contexto brasileiro. 2018. f. 77. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BERTI, Valdir Pedro.; FERNANDEZ, Carmen. O caráter dual do termo interdisciplinaridade na literatura, nos documentos educacionais oficiais e nos professores de química. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v.8, n.1, p. 153-180, maio/jun. 2015.

BONATTO, Andréia; BARROS, Caroline; GEMELI, Rafael Agnoletto; LOPES, Tatiana Bica.; Marli Dallagnol FRISON. Interdisciplinaridade no ambiente escolar. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9, 2012, Caxias do Sul. **Anais eletrônico [...] Caxias do Sul: UCS, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2414/501>. Acesso em 23 de jun. 2017.**

BOTOSO, Altamir; RODRIGUES, João Ricardo. A representação feminina em poemas de Florbela Espanca, Maria Teresa Horta e Sophia De Mello Breyner Andrese. **Revista InterteXto** v. 10, n. 1, p. 1-16, 2017.

COSTA, Natália Matos Sanglar. Ensinar Química através dos Poemas de Primo Levi. **Impacto: Pesquisa em Ensino de Ciências**, Rio de Janeiro, n. 2, p. e78177, 2023.

FREDRICKSON, Barbara L.; ROBERTS, Tomi-Ann. **Objectification theory: Toward Understanding Women’s Lived Experiences and Mental Health Risks**. *Psychology of Women Quarterly*, v. 21, n. 2, p. 173-206, 1997.

GUIMARÃES, Maria Paula; SCHERRER, Rachel Rios; SOUZA, Teresa Campos Viana. O jeans e a objetificação do corpo feminino na década de 1980. **Projética**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1–33, set. 2024.

KATZ, Helena. *Corpo e moda: um jogo de significações*. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; CASTILHO, Kathia (org.). **Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 87–96.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. tradução Luiza Sella. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da sedução**. 1. ed. Barueri, SP: Manole, 2020.



LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

SaberPAS: 2017. Brasília: Cebraspe, 2019. Disponível em: https://cdn.cebraspe.org.br/arquivos/PAS/SaberPAS_2017.pdf. Acesso em: 09 out. 2025.

SANTOS, Ana Caroline Hessab dos; NEVES, Fernanda de Barros Camargo; REIS, Thais Leite. A objetificação dos corpos femininos: uma reflexão fenomenológica existencial. **Revista Mosaico**, Vassouras, RJ, v. 11, n. 2, p. 154–160, jul./dez. 2020.

ORMAY, Letícia Acosta; RAMOS, Elaine da Silva. Poetizando a química: abordagem do conteúdo de modelos atômicos por intermédio de um poema. **ARACÊ**, v. 7, n. 4, p. 20536-20548, 2025.

TASCA, Mariana Silvério Almeida e. Machismo high-tech: a objetificação da mulher como instrumento de garantia de sua submissão na era digital. **Revista Humanidades em Diálogo**, São Paulo, v. 11, p. 182–194, 2022.

